STERN, Fábio Leandro. **A Naturologia no Brasil: histórico, contexto, perfil e definições.** São Paulo: Entre Lugares, 2017. 447p.
ISBN 978-89-7326-343-1

Matheus Oliva da Costa *

A editora Entre Lugares estreou em 2017 com uma obra de qualidade exemplar: trata-se do livro *A Naturologia no Brasil: histórico, contexto, perfil e definições*. Seu autor, Fábio Stern, além de graduado na área que é o objeto de seu estudo, usou com maestria instrumentos da outra área em que está se formando em todos os níveis, a Ciência da Religião (*Religionswissenschaft*), ou, como o próprio autor prefere, Ciência das Religiões. A seguir, foi escrita uma resenha crítica com ênfase nos elementos presentes na obra que apresentem maior relevância para pesquisadores e profissionais da Ciência das Religiões.

De um modo geral, o conteúdo do livro é o resultado dos seus estudos, experiências e pesquisas com as duas áreas, mostrando um saber profundo sobre ambas. Sua forma de escrita conta com uma linguagem crítica e objetiva que lhe é característica, somada a abordagens qualitativas e quantitativas, que dão uma visão mais ampla do tema abordado.

Resenha recebida em 27 de dezembro de 2017 e aprovada em 28 de fevereiro de 2018.

* Mestre em Ciência da Religião. Doutorando em Ciência da Religião no PPGCR da PUC SP. País de origem: Brasil.
E-mail: matheusskt@hotmail.com

Há um duplo ineditismo. Do lado na Naturologia, não existia antes da pesquisa de Stern uma obra que mostrasse com a devida profundidade sistemática e empírica as relações dessa relativamente nova¹ ciência e profissão da área da Saúde com suas raízes cultural-religiosas. O livro é fruto do seu mestrado em Ciência das Religiões na PUC-SP, e foi reescrito, teve acréscimos e atualizações, contando com um condensamento de informações que será de utilidade para a que naturólogos(as) conheçam essa sua dimensão histórica.

Do lado da Ciência das Religiões, é uma pesquisa que é essencialmente do ramo da *ciência da religião empírica* ou *história das religiões*, com foco no movimento religioso denominado Nova Era. Mais especificamente, analisa uma forma de institucionalização das ideias desse movimento. Também mostra um vasto conhecimento do autor sobre diversas outras tradições (especialmente, Esoterismos europeus, Daoismo, e expressões religiosas hindus). Assim, aproveitou dessa riqueza de informações, somada a debates teóricos, e fez observações do ramo comparativo ou sistemático da Ciência das Religiões.

Ainda é importante lembrar que as mais de 400 páginas não devem assustar potenciais leitores, já que a própria organização da obra suaviza a leitura. A diagramação e estética ajudam numa visualidade agradável e fluída. Os cinco capítulos estão bem divididos no número de páginas, gerando uma estrutura que facilita a compreensão. Conta com um prefácio de Alex Mendes, mestre em Letras e Linguística pela UFG, que é somado com a apresentação e introdução do autor, o que prepara a leitura com uma visão crítica de análise de discurso e informações básicas necessárias. Há também outros recursos que fornecem informações extras ou sistemáticas, como a lista de siglas e abreviaturas, os apêndices, os anexos, o índice remissivo de temas tratados, além das diversas tabelas presentes principalmente no capítulo V.

¹ Disse *relativamente nova*, devido ao fato da Naturologia ter raízes no século XIX e início do século XX na Europa, especialmente Espanha, Itália e Portugal, mas que, no Brasil, tem origem formal somente entre as décadas de 1990 e 2000.

A leitura de *A Naturologia no Brasil* revela dois aspectos que interessam a pesquisadores e a profissionais cientistas das religiões: as análises de elementos religiosos e os comentários sobre os elementos profissionais. Antes de ver os aspectos observados, é importante ressaltar que entendemos por cientistas das religiões profissionais somente quem tem graduação nessa área, ou fez da aplicação da sua formação em pós-graduação nessa área sua principal fonte de renda; já os/as pesquisadores seriam os/as pós-graduados em Ciência das Religiões que realizam pesquisas sobre religiões a partir dessa formação, podendo incluir graduados/as que realizam iniciação científica e práticas acadêmicas afins.

Sobre os aspectos profissionais há o registro histórico e análise: (1) da formação de uma demanda pública pelos serviços de terapias e práticas integrativas e complementares (PIC) em alguns países de maioria cristã no final do século XX, (2) da origem de cursos de formação em Naturologia no Brasil, que em partes respondem a essa demanda, e (3) e da construção, em andamento, de uma identidade profissional que é condicionada por fatores internos, como a escolha de currículos por professores formados em outras áreas e depois pelos próprios naturólogos, e por fatores externos, como a pressão de outros profissionais da área da saúde, principalmente arteterapeutas, farmacêuticos, fisioterapeutas, médicos, musicoterapeutas, nutricionistas e psicólogos (cf. o Capítulo 3, especialmente p. 236-254). Toda essa reflexão pode ajudar a pensar a profissionalização de cientistas das religiões no Brasil e algumas comparações poderiam ser feitas futuramente.

No que concerne aos aspectos religiosos, é apresentada uma revisão bibliográfica aprofundada sobre Nova Era, com referências acadêmicas clássicas e atuais, e ainda com dados empíricos qualitativos e quantitativos. Relações entre as terapias “alternativas” (à prática médica predominante) e religiões clássicas e com o *ethos* novaerista foram bem exploradas, esclarecendo pontos pouco claros para leigos no assunto. No mesmo sentido, quem já estudou o movimento Nova Era e outras novas religiões pouco ou nada institucionalizadas sabe como é difícil utilizar

conceitos úteis. No livro foi observada uma abundância de categorias relevantes de vários autores para a compreensão desses fenômenos, por exemplo: *novaeristas de meio período*, *espiritualidades de vida*, ou *mitologias de ciência*.

Quando se observa o “pano de fundo” epistemológico, o autor conseguiu fugir do paradigma já desgastado da fenomenologia da religião clássica ottiana e eliadiana. Ou seja, em todo livro não foram utilizados termos como *sagrado*, *transcendência* ou *experiência religiosa* como categorias teóricas. Ao contrário, o texto revela fundamentos firmes no que há de mais atual na pesquisa sobre religiões do ponto de vista da Ciência das Religiões. Isso se traduz no uso consciente e bem aplicado das noções de êmico/ético e de uma escrita que suspende juízos de valor pessoais (agnosticismo metodológico), além de ir a fundo a questões teóricas, históricas e etimológicas.

Certamente, o livro é elogiável. Contudo, também é possível criticá-lo. A principal crítica é metodológica: a hipótese central, além de aparecer levemente diferente em três momentos, poderia ter sido mais bem formulada e explorada. Vejamos estes trechos: “A hipótese da qual parti é de que a naturologia surge como reflexo do momento que D’Andrea (2000) chamou de “Iluminismo New Age” no nosso país” (p. 42); “minha hipótese de que a naturologia é coadunada ao movimento da Nova Era” (p. 336); “O que concluo [...] é que a identidade da naturologia está intrinsecamente ligada à Nova Era, o que confirma a hipótese levantada no início desse projeto” (p. 380). Metodologicamente, entendemos que a mesma hipótese inicial deve ser reproduzida e discutida na conclusão. Mas a Naturologia surgir como um reflexo da Nova Era não é o mesmo de ser intrinsecamente ligada a ela, e nem mesmo coadunada.

Em relação ao nível teórico e metodológico de todo o resto do conteúdo, o livro traz uma hipótese que poderia receber tratamento mais refinado. Especialmente a noção de que a Naturologia seria “coadunada” ao movimento Nova Era, não parece ter sido a categoria mais explicativa. Propomos aqui uma hipótese que julgamos lançar mais luz à relação entre Naturologia e Nova Era, a

partir dos próprios dados e reflexões do livro: a Naturologia – que guarda raízes no pensamento romântico alemão, parapsicologia e terapias populares da Europa – é historicamente anterior à Nova Era (que nasce no pós Segunda Guerra Mundial), mas ambas bebem significativamente de fontes culturais comuns, os Esoterismos europeus, tendo, assim, um *ancestral cultural-religioso comum* em termos de Ciência das Religiões mülleriana e petazzoniana, e uma *afinidade eletiva*, em termos sociológicos weberianos.

Outras questões menos centrais também podem ser questionadas. Em alguns momentos sente-se que “pesou a mão” em algumas críticas e análises, tendo algumas pequenas conclusões apressadas. Sobretudo no que concerne às explicações para a alta na evasão dos dois cursos estudados durante a passagem da década de 2000 para 2010, que parecem necessitar de mais aprofundamento. Ou mesmo quando cita um autor de Naturologia de Portugal, dizendo que a escrita dele é mais próxima do que ocorria no século XIX na Europa, mas não fornece nenhuma citação para que o próprio leitor concorde ou não. Aliás, toda essa raiz europeia precisa ser pesquisada com mais profundidade.

Apesar dessas críticas, o livro pode ser recomendado para cientistas das religiões que querem ler bons exemplos de como se pesquisa no âmbito de nossa ciência. Bem como é valioso para pesquisadores e pesquisadoras de qualquer área que querem entender melhor sobre Nova Era, suas relações com o campo da saúde, e um exemplo de institucionalização desse ramo religioso da contracultura. A última indicação é para quem deseja ler, em ciências humanas, pesquisas de métodos qualitativos e quantitativos com dados originais observados e sistematizados pelo próprio autor. Vale lembrar que este último aspecto é raro nesse campo de conhecimentos; e menos comum ainda na Ciência das Religiões, tornando-se este livro uma feliz contribuição para essa lacuna.